

A CORRESPONDÊNCIA DE PIERRE PARIS (1859-1931): ESTADO DOS LOCAIS DE UMA INVESTIGAÇÃO¹

Grégory Reimond²

Resumo

A tese que defendemos em novembro de 2021, cuja publicação está em andamento, consistiu em uma biografia intelectual do arqueólogo e historiador da arte Pierre Paris. Nossas pesquisas nos permitiram notadamente reunir um certo número de documentos epistolares, uma seleção de 1.082 cartas escritas entre 1876 e 1931. Essencialmente, trata-se dos fragmentos da correspondência ativa de Pierre Paris, dos quais propomos uma edição crítica no volume 3 de nossa tese. É às características desse corpus, que não será publicado no livro que estamos preparando, que dedicaremos este artigo. Esforçar-nos-emos em destacar sua riqueza e seus limites, ao mesmo tempo mostrando que seria desejável, a médio prazo, torná-lo acessível por meio de uma publicação online.

Palavras-chave

Arqueologia; hispanismo; história cultural; biografia intelectual; Casa de Velázquez.

¹ Tradução por Lucas Arantes Lorga, Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (PPGH-Unifesp), com financiamento da FAPESP (Processo nº 2022/10825-6). E-mail: lucaslorga1@gmail.com.

² Doutor em História – Universidade de Toulouse – Jean Jaurès, Toulouse, França. PLH-ERASME. E-mail: gregoryreimond@icloud.com

Résumé

La thèse que nous avons soutenue en novembre 2021, et dont la publication est en cours, a consisté en une biographie intellectuelle de l'archéologue et historien de l'art Pierre Paris. Nos recherches nous ont notamment permis de rassembler un certain nombre de documents épistolaires, un choix de 1 082 lettres écrites entre 1876 et 1931. Pour l'essentiel, il s'agit des lambeaux de la correspondance active de Pierre Paris dont nous proposons une édition critique dans le volume 3 de notre thèse. C'est aux caractéristiques de ce corpus, lequel ne sera pas publié dans le livre que nous préparons, que nous consacrerons cet article. Nous nous efforcerons de souligner sa richesse et ses limites, tout en montrant qu'il serait souhaitable, à moyen terme, de le rendre accessible grâce à une publication en ligne.

Mots clés

Archéologie; hispanisme; histoire culturelle; biographie intellectuelle; Casa de Velázquez.

Arqueólogo, historiador da arte, acadêmico, diretor de uma escola de Belas Artes, a de Bordeaux, primeiro diretor da casa comum dos hispanistas franceses em Madri – a Escola de Altos Estudos Hispânicos, integrada à Casa de Velázquez em 1928 –, Pierre Paris (1859-1931) é uma figura complexa e multifacetada (ver em primeiro lugar Delaunay, 1994; Niño Rodríguez, 1988; Rouillard, 2009). Dedicamos a ele nossa tese de doutorado, que consistiu na redação de uma biografia intelectual (Reimond, 2020), a qual deverá ser publicada pela Casa de Velázquez em 2025 (Reimond, no prelo). No presente ensaio, desejamos retomar um dos produtos dessa investigação, agora concluída. Nosso *corpus* de fontes se baseou em três conjuntos principais (trabalhos publicados, arquivos privados, arquivos institucionais). Os acervos dos arquivos privados e públicos nos permitiram reunir um certo número de documentos epistolares, uma seleção de 1.082 cartas escritas entre 1876 e 1931. É a uma apresentação da correspondência do estudioso de Bordeaux que conseguimos localizar que será dedicado este artigo.

Cinquenta e seis anos. Esse é o número de anos que se passam entre o envio da primeira e da última carta de nosso *corpus*. Cinco décadas de trocas epistolares que permitem acompanhar Pierre Paris através dos meandros de uma longa e rica carreira científica. Ao longo das missivas, ano após ano, o historiador vê surgir, acumular-se e frequentemente entrelaçar-se as diferentes camadas que dão sua forma definitiva à trajetória e à obra do homem de ciência. Nesse sentido, como lembra Laurent Olivier, «A História é arqueológica, pois é feita da acumulação de produções que constroem e transmitem uma *memória*» (Olivier, 2018: 289). Ora, a memória que a correspondência de Pierre Paris preservou não se confunde totalmente com aquela que seus trabalhos impressos mostram. Embora fragmentária, a memória epistolar de Paris é certamente mais completa; ela permite apreender aspectos que é difícil, ou mesmo impossível, captar através da obra publicada apenas. Esses dois conjuntos de fontes são, portanto, fundamentalmente complementares. Retomemos a bela imagem de Lucien Febvre: o historiador-biógrafo encontra nessas cartas flores novas «para fabricar seu mel» (Febvre, 1953: 428).

Não retomaremos as possibilidades heurísticas oferecidas pelas correspondências. Elas já são bem conhecidas. Mais do que uma reflexão teórica, desejamos apresentar aqui um estado das coisas destinado a explicar o que se pode esperar encontrar neste *corpus* (que foi objeto de uma edição crítica no terceiro volume de nossa tese de doutorado), o que

está ausente, o que constitui o sucesso de nosso trabalho de coleta e quais são seus limites ou suas insuficiências (Reimond, 2021, vol. 3). De maneira mais ampla, trata-se também de recordar a forma como o concebemos, as escolhas que tivemos de fazer e de permitir, assim, ao leitor curioso apropriar-se desta ferramenta. Uma apresentação e um modo de uso, por assim dizer.

À procura de uma correspondência perdida. Sucesso e limites de uma coleta

A ideia de trabalhar sobre a correspondência de Pierre Paris acompanhou o nascimento de nosso projeto de pesquisa. Admitamos, entretanto, que não pensávamos ter que empreender o trabalho de longo fôlego que a preparação de nossa tese acabou por tornar necessário. As informações de que dispúnhamos nos haviam levado a renunciar à esperança de exumar uma quantidade volumosa de cartas dos arquivos franceses ou espanhóis. Os papéis pessoais do primeiro diretor da Casa de Velázquez, e, portanto, sua correspondência passiva, pareciam irremediavelmente perdidos. Instalado em Madri desde 1913 como diretor da Escola de Altos Estudos Hispânicos, Pierre Paris residia no Instituto Francês, no edifício – hoje desaparecido – construído por Albert Galeron e Daniel Zavala, na rua Marqués de la Ensenada. No outono de 1928, a conclusão da ala principal da Casa de Velázquez o levou a deixar o Instituto, cedido à Universidade de Toulouse, para se instalar no deslumbrante palácio de estilo Século de Ouro que a França construía ao noroeste de Madri. Seus papéis pessoais obviamente haviam se mudado com ele, e tudo leva a crer que o essencial desses arquivos ainda era conservado na Casa quando a morte surpreendeu Pierre Paris ali, em 20 de outubro de 1931 (Legendre, 1933: 164-166).

Nada indica que esses papéis mudaram então de localização, tanto mais que sua filha, Isabelle, um de seus filhos (René) e sua viúva, Eva Pradelles, permaneceram próximos ao local (Delaunay, 1994, cap. 6) ³. Eles deveriam,

³ Em suas memórias, André Paris indica: «Meu querido pai acabava de morrer, mal retornado a Madri, após sua estadia anual em Beyssac. [...] Mas eu não podia deixar de pensar em minha irmã Isabelle e em sua mãe, deixadas em uma situação que se anunciava crítica. Tudo acabou se resolvendo mais ou menos bem, minha irmã continuando seu serviço como Secretária da Casa Velázquez. Esta foi inteiramente destruída pelas operações da guerra civil. Mãe e filha transportaram seus pertences para uma casa alugada para esse fim. Felizmente, meu pai não viu a ruína de sua obra, que ele havia levado a bom termo, apesar das inúmeras dificuldades que encontrara pelo

portanto, ainda estar na Casa quando o edifício, cuja segunda inauguração, em 1935, acabara de celebrar a conclusão, encontrou-se no centro dos combates da batalha de Madri no outono de 1936. Tomada pelos insurgentes, a Casa, um ponto estratégico que oferecia uma excelente vista, foi submetida ao fogo da artilharia republicana: nos dias 19 e 20 de novembro, o palácio Século de Ouro de Pierre Paris era consumido pelas chamas. As fotografias datadas da guerra civil ou do imediato pós-guerra permitem medir a extensão dos danos, especialmente na ala que abrigava os apartamentos do diretor e a biblioteca. Durante mais de dez anos, o local permaneceu em ruínas antes que a França decidisse empreender a reconstrução do edifício. É evidente que os arquivos privados do primeiro diretor da Casa sofreram o mesmo destino que os da instituição que ele ajudou a fundar: a destruição. Assim, recordava Jean-Marc Delaunay: aqueles que se interessavam por essa história deveriam “colher nos campos de arquivos, mas o fogo ou o esquecimento já haviam devastado uma parte considerável” (Delaunay, 1994: 13). De fato — e sem que se saiba realmente por qual milagre — a Casa de Velázquez conserva hoje apenas alguns documentos relativos à primeira fase de sua história. Quanto à correspondência de Pierre Paris, trata-se de sete cartas assinadas por François Dumas, Jean-Auguste Brutails, Josep Pijoan e Manuel Cazorro y Ruiz. É preciso fazer o melhor da má situação⁴: seu conteúdo é interessante para o historiador da arqueologia, mas para uma carreira de quase sessenta anos, a colheita foi bem escassa.

Esse início um tanto desencorajador — pois foi nosso primeiro contato com os arquivos de Pierre Paris — logo tomou um rumo mais favorável. Uma informação que Pierre Rouillard nos transmitiu sobre a correspondência Paris-Heuzey preservada na Biblioteca do Instituto da França, assim como o pedido de ajuda que Jorge Maier Allende nos enviou, por intermédio de Laurent Callegarin, para transcrever as cartas Paris-Hübner que ele localizou na Staatsbibliothek de Berlim, nos mostraram que, se as cartas pessoais de Pierre Paris nos escapavam, tínhamos, em contrapartida, algumas chances de encontrar parte de sua correspondência ativa. Restava ainda localizá-las e poder acessá-las. Alguns trabalhos publicados (os de Jean-Marc Delaunay, Pierre Rouillard, Antonio Niño ou Trinidad Tortosa, por exemplo) mencionavam e citavam cartas preservadas em diversos acervos. Quanto a Jorge Maier Allende, ele foi o único a ter publicado

caminho» (Memórias, datilografado inédito de 203 páginas, acervo Paris-Philippe, s. c., Beyssac, 1975, cap. 24).

⁴ N.T.: O autor, nesta passagem, utiliza-se da expressão “contre mauvaise fortune bon cœur”. Ainda que não tenha uma tradução exata para o português, ela leva o sentido de manter a disposição diante de eventuais contratemplos.

integralmente, no contexto da tese de doutorado que empreendeu, um conjunto de cartas inéditas, aquelas dirigidas a George E. Bonsor, figura essencial da arqueologia espanhola do final do século XIX e do primeiro quarto do século XX (Maier Allende, 1996; 1999). Durante os três anos de duração do contrato de doutorado que recebemos (2017-2020), grande parte de nossa energia, de nosso tempo e de nossos recursos foi dedicada à localização, catalogação e transcrição das cartas que conseguíamos reunir.

Houve, na abordagem implementada, muito empirismo. 1. Primeiro, tivemos que contatar as instituições das quais tínhamos certeza de que conservavam documentos relativos a Pierre Paris (Arquivos Nacionais da França, Arquivos Departamentais da Gironde, Biblioteca do Instituto da França, etc.). 2. As cartas exumadas mencionando novos correspondentes, foi necessário verificar se seus papéis eram preservados e acessíveis, sem sempre obter a informação desejada; ao mesmo tempo, as trocas que tivemos com vários responsáveis de arquivos muitas vezes nos conduziram a novas pistas. 3. Por outro lado, o trabalho paralelo que realizávamos sobre os trabalhos impressos de Pierre Paris nos sugeriu verificar se ele havia tido trocas epistolares com os principais estudiosos que mencionava. 4. Muitas informações também nos foram transmitidas por colegas que, em suas próprias pesquisas, encontraram documentos referentes a Pierre Paris (nós os citamos e agradecemos sistematicamente em nossa edição crítica). 5. O acaso às vezes foi generoso: por exemplo, a consulta das cartas enviadas a Maurice Barrès e preservadas pela Biblioteca Nacional da França — seu conteúdo revelou-se bastante decepcionante — permitiu-nos encontrar uma interessante carta escrita a Hippolyte Taine em 1882.

Não nos bastava, portanto, penetrar nas paredes de uma instituição que teria guardado cuidadosamente os papéis de Pierre Paris para encontrar nosso corpus de fontes já constituído. Foi necessário, ao contrário, realizar uma verdadeira caça aos arquivos. Em dois anos, exploramos mais de setenta acervos pertencentes a cerca de trinta instituições (figura 01). Com algumas exceções (Berlim, Viena, Roma e Nápoles), foi preciso ir ao local.

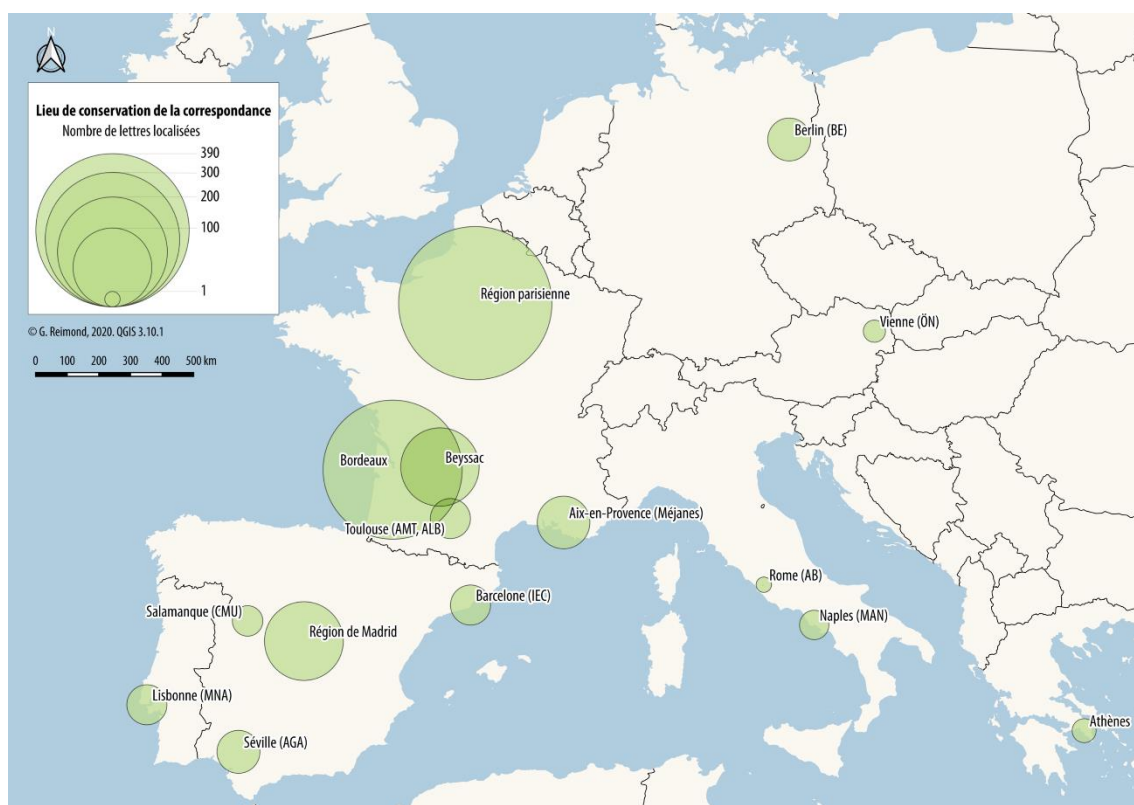


Figura 01: A correspondência localizada de Pierre Paris, uma une coleção internacional.

No final da primavera de 2018, os contatos estabelecidos com os descendentes de Pierre Paris, graças ao intermédio de Laurent Callegarin, então diretor de estudos na Casa de Velázquez, deram um novo fôlego ao nosso trabalho de coleta. Françoise e Raphaël Navarra-Conte nos receberam em Bordeaux, Élisabeth e Bernard Philippe no castelo de Beyssac. À correspondência ativa que havíamos reunido, acrescentou-se enfim um número considerável de cartas pertencentes à correspondência passiva de Pierre Paris, vestígios de seus arquivos pessoais. Recordamos que, a partir de 1913, o diretor da Escola de Altos Estudos Hispânicos residia na Espanha. Na realidade, ele passava ali apenas uma parte do ano: de julho a outubro, isto é, durante o longo período das férias de verão, ele fugia do calor sufocante madrileno e se instalava com sua família no castelo de Beyssac, próximo de Eyzies (Dordogne), que ele havia comprado no final do ano de 1904. Não havia, portanto, nada de surpreendente que alguns de seus papéis pessoais, e não apenas cartas, tivessem permanecido ali. Esse sucesso certo, no entanto, nos deixou um gosto amargo: o vivo interesse desses documentos, que representavam evidentemente apenas alguns fragmentos dos arquivos privados de Pierre Paris, deixava entrever, indiretamente, tudo o que havia sido perdido no incêndio e na destruição quase completa da Casa de Velázquez durante a guerra civil espanhola. Uma última boa surpresa nos aguardava no acervo antigo do Instituto Francês de Madri: ele também nos forneceu um certo número de cartas

dirigidas a Pierre Paris, presumivelmente confiadas à instituição por um de seus filhos, René Paris.

A coleta foi, portanto, internacional. O mapa da figura 01 destaca, no entanto, alguns centros principais: a região parisiense e Bordeaux, mas também Beyssac e Madri. Em termos de instituições, os desequilíbrios são igualmente marcantes (figura 02). Os Arquivos Departamentais da Gironde (onde foram depositados os arquivos do reitorado de Bordeaux) e a Biblioteca do Instituto da França nos forneceram um grande número de cartas (mais de duzentas cada). Isso não é surpreendente, já que Pierre Paris fez sua carreira na faculdade de letras de Bordeaux e sempre esteve muito ligado à Academia das Inscrições e Belas-Letras (a partir de 1882 como Ateniese — membro da Escola Francesa de Atenas —, a partir de 1897 por suas missões científicas, após 1920 como membro livre da companhia). Além dos arquivos privados, destacam-se também, de maneira bastante evidente, as cartas conservadas pelos Arquivos da Metrópole de Bordeaux, pelos Arquivos Nacionais de Pierrefitte e pelo Instituto Francês de Madri. Mais uma vez, a importância desses acervos reflete o que foi a trajetória de Pierre Paris: diretor da escola municipal de Belas-Artes e Artes Decorativas da capital girondina, funcionário da Instrução Pública, diretor da Escola de Altos Estudos Hispânicos, uma das duas seções do Instituto Francês de Madri antes de ser vinculada à Casa de Velázquez.

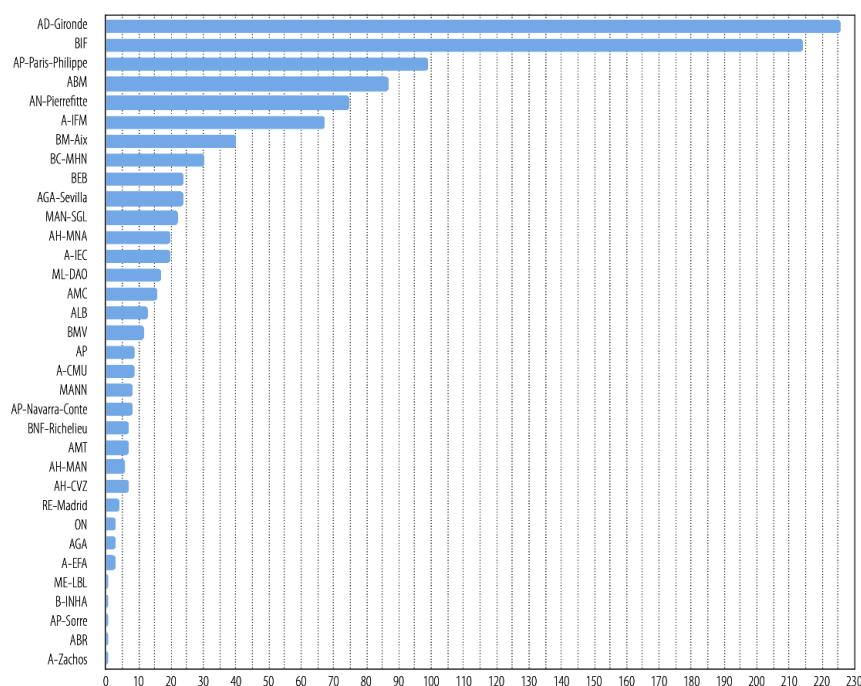


Figura 02: Distribuição das cartas do *corpus* em função do local de conservação.

Se o resultado ao qual chegamos não é desprezível, ele não deixa de ser imperfeito. O corpus reunido não pode ser considerado exaustivo e encerrado. É evidente que cartas nos escaparam, e só podemos esperar não ter passado ao largo de um acervo importante. Por outro lado, o trabalho de coleta, transcrição e edição foi extremamente demorado: foi necessário parar. Paramos sabendo da existência de cartas que não pudemos consultar. Trata-se, em particular, dos acervos depositados pela embaixada da França na Espanha e conservados no Centro de Arquivos Diplomáticos de Nantes. A falta de tempo, somada ao fato de que Jean-Marc Delaunay já havia explorado essas fontes enquanto preparava sua história da EHEH e da Casa de Velázquez, nos levou a renunciar a integrá-las ao nosso corpus. Além disso, os Arquivos da Metrópole de Bordeaux conservam, entre os acervos relativos à escola municipal de Belas-Artes e Artes Decorativas da cidade, uma cópia das cartas provenientes da direção da escola na época em que Pierre Paris era seu diretor (redigidas por ele ou pelo secretário-geral). Tratam-se de volumes encadernados contendo cópias carbono em papel fino, praticamente ilegíveis hoje. Infelizmente, fomos forçados a deixar esse acervo de lado, sem poder utilizá-lo.

Uma geografia epistolar multipolar

O trabalho de coleta que acabamos de descrever nos permitiu reunir 1.082 cartas escritas entre 1876 e 1931. A correspondência ativa domina: ela representa 815 cartas contra 267 para a correspondência passiva (figura 03). O corpus é suficientemente rico para permitir ilustrar as diferentes facetas que compõem a trajetória de Pierre Paris. Ele aparece ora como estudante de ensino médio, *normalien*⁵, ateniense, professor, administrador, propagandista; como arqueólogo e historiador da arte, helenista e hispanista; ele é adolescente, depois adulto, torna-se um homem maduro e, em seguida, idoso; solteiro, o encontramos casado, pai de família, viúvo e depois recasado.

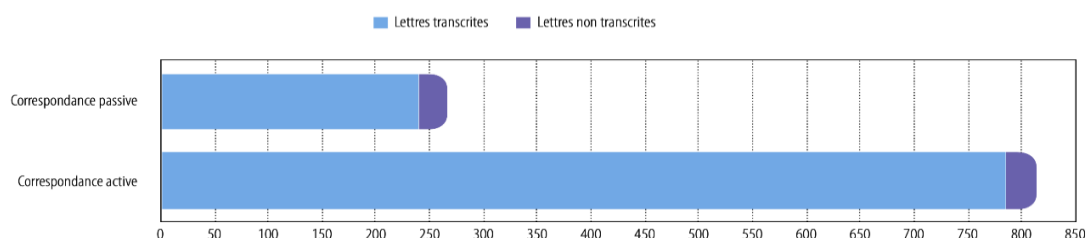


Figura 03: A correspondência de Pierre Paris: estrutura do *corpus* organizado

⁵ N.T.: Termo usado para descrever os estudantes da *École Normale Supérieure*.

A temporalidade: seis momentos distintos

A riqueza do percurso de Pierre Paris é, no entanto, muito desigualmente documentada por sua correspondência. A distribuição cronológica anual das cartas reunidas confirma isso (figura 04); quanto à distribuição quinquenal que propomos (figura 05), ela tem apenas a utilidade de facilitar a leitura desses dados no conjunto. Sua representação destaca de forma muito clara diferentes momentos na trajetória de Pierre Paris, bem como as lacunas de nosso corpus referentes a essas sucessivas fases de vida, uma falta de informações que buscamos preencher recorrendo a outras fontes, institucionais na maioria das vezes.

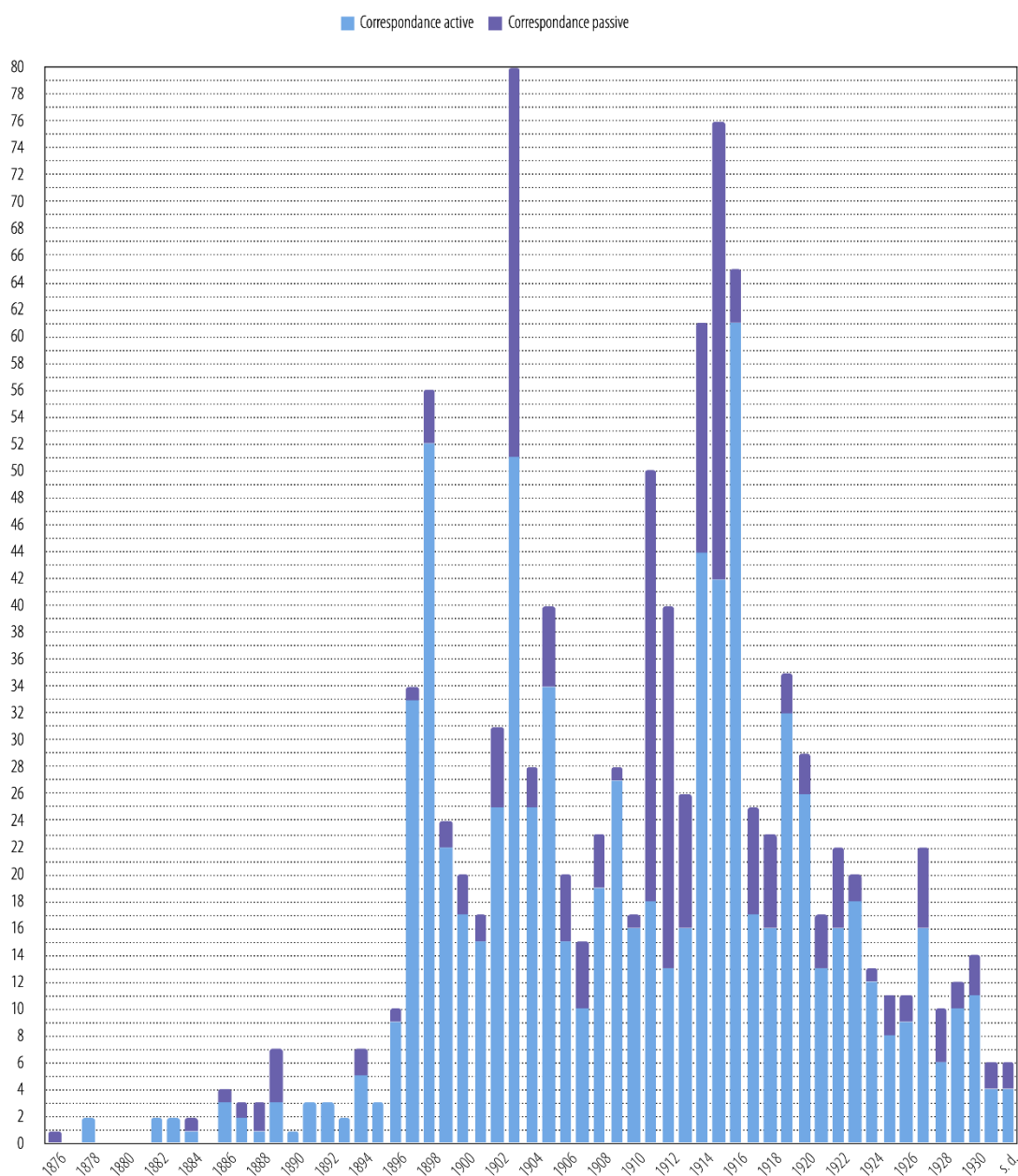


Figura 04: Distribuição anual das cartas do *corpus*.

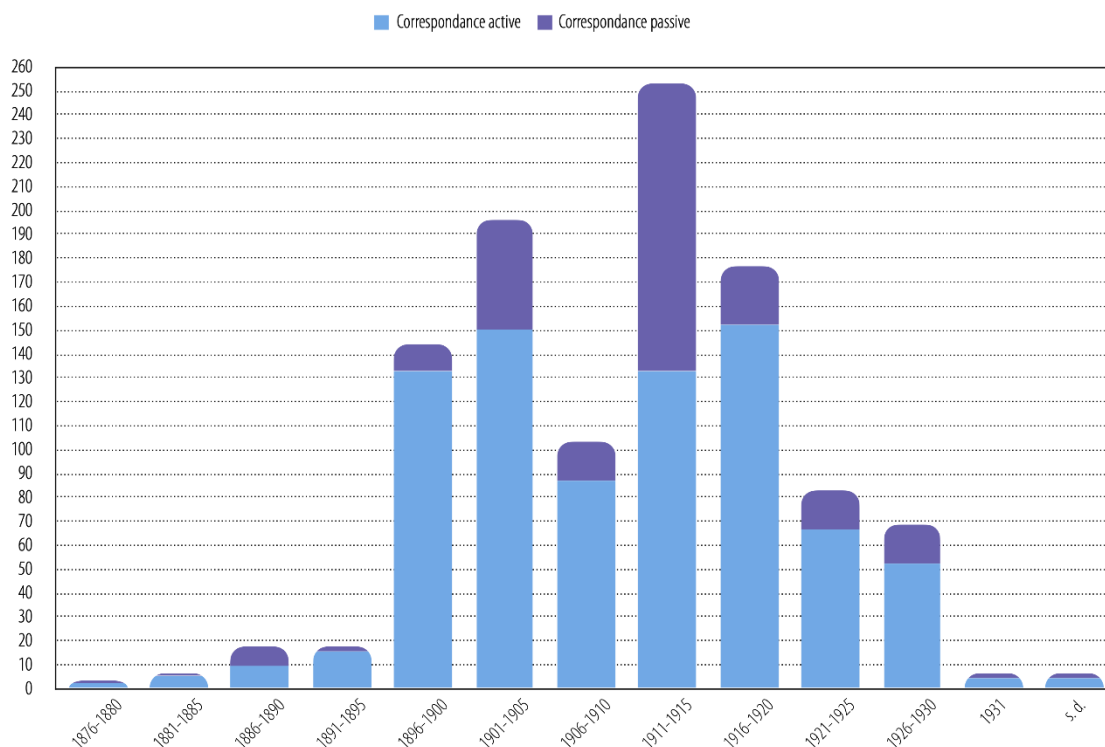


Figura 05: Distribuição quinquenal das cartas do *corpus*.

Seis sequências temporais podem ser identificadas. 1. Os anos de formação (1876-1885) infelizmente deixaram apenas raros testemunhos epistolares. 2. São mais numerosos para o período de 1885-1895, que corresponde à entrada de Pierre Paris na carreira universitária. É então que ele organiza o ensino de arqueologia e história da arte na faculdade de letras de Bordeaux. 3. Os anos de 1895-1905 estão, por outro lado, entre os mais bem documentados. Eles correspondem à época em que a estatura de Pierre Paris se amplia. Às suas funções universitárias soma-se a direção da escola municipal de Belas-Artes e Artes Decorativas de Bordeaux (1898); sobretudo, é o momento da guinada hispanista (1895), das primeiras viagens arqueológicas à Espanha (1896, 1897, 1898 e 1899), da compra da Dama de Elche para o museu do Louvre (1897), das escavações de Osuna (1903), Almedinilla (1904) e Elche (1905), uma conversão ao hispanismo arqueológico consagrada em 1903-1904 pela publicação em dois volumes do *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*. 4. Após 1905 e até o início dos anos 1910, as cartas são novamente menos numerosas. Na carreira de Pierre Paris, esses anos parecem corresponder a uma calmaria. Ele colhe os frutos dos trabalhos iniciados desde a primeira viagem além-Pirinéus (1896), antes que a criação da Escola de Altos Estudos Hispânicos e do Instituto Francês de Madri (1909) venha dar novo impulso aos seus projetos. 5. Estes últimos inserem-se em uma dinâmica coletiva impulsionada por Bordeaux e Toulouse. Entre 1911 e 1920, as cartas

conservadas são bem mais numerosas. Esse período marca uma nova etapa para Pierre Paris. Os projetos se multiplicam e são dos mais variados. Troca-se muito sobre a construção do edifício em Madri para abrigar as duas seções do Instituto Francês (1911-1913); é necessário dar vida à jovem EHEH, recrutando e orientando membros; também é o momento em que o arqueólogo retoma o trabalho de campo e organiza a escavação da cidade hispano-romana de Baelo Claudia (1914-1917); durante a Primeira Guerra Mundial, grande parte da energia do diretor da Escola é dedicada à propaganda francesa na Espanha; finalmente, durante os anos 1916-1920, toma forma o último grande projeto de Pierre Paris: construir uma “Villa Velázquez” que logo se tornará a Casa de Velázquez. 6. A partir de 1920, as cartas são novamente menos numerosas, e a tendência é de declínio. Tal como nos anos 1905-1910, isso parece sugerir que os novos projetos são menos numerosos: impulsionado pela dinâmica virtuosa iniciada no período anterior, Pierre Paris dedica os últimos anos de sua vida a concretizar os projetos iniciados na época da Grande Guerra.

No plano quantitativo, as cartas conservadas correspondem, portanto, razoavelmente bem à temporalidade da trajetória de Paris. De modo geral, os períodos de intensa atividade são aqueles para os quais as missivas são mais numerosas. No entanto, há exceções importantes. Elas se explicam em parte, mas apenas em parte, pela história conturbada das instituições que conservam esses acervos. É evidente que o período de 1916-1931 está subdocumentado, e de forma considerável, devido ao desaparecimento dos arquivos da Casa de Velázquez. A observação também é válida para os anos anteriores a 1895. Gostaríamos de ter encontrado mais cartas escritas pelo pensionista da Escola Francesa de Atenas, pelo jovem universitário de Bordeaux ou pelo estudioso que começava a direcionar seu olhar ao sul dos Pirineus antes de se engajar na guinada hispanista.

Situações de enunciação múltiplas

Levantar a questão da situação de enunciação das cartas do corpus (quem se dirige a quem?), em outras palavras, tentar classificar os interlocutores de Pierre Paris em uma categoria precisa, não é tarefa fácil (figuras 06 e 07). Seja o autor da missiva ou seu destinatário, muitos podem se enquadrar em vários grupos de correspondentes. A síntese a que chegamos é, portanto, antes de tudo indicativa, especialmente no que diz respeito ao gráfico da figura 07.

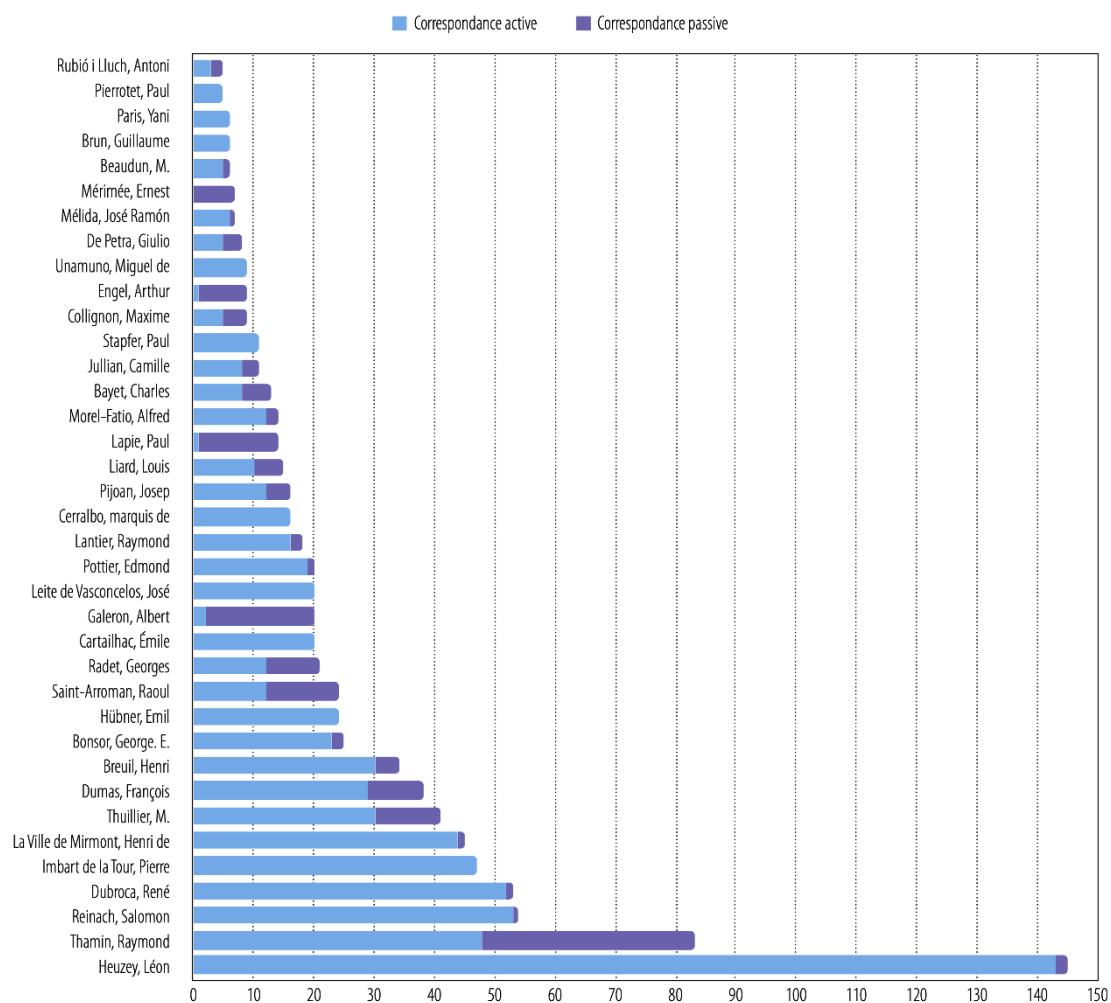


Figura 06: Os principais correspondentes de Pierre Paris (cinco cartas ou mais).

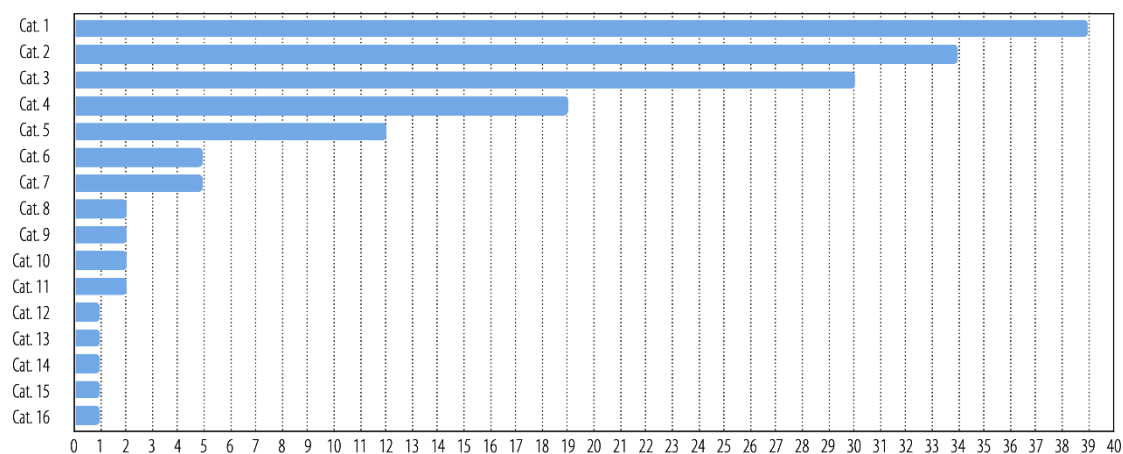


Figura 07: Os correspondentes de Pierre Paris, um ensaio de categorização. Categorias: 1. Arqueólogos, antiquistas e historiadores da arte; 2. Meios universitário, acadêmico e intelectuais (inclusive reitores); 3. Eruditos e notáveis locais; 4. Funcionários e altos funcionários da Instruction Publique et des Beaux-Arts (inclusive reitores); 5. Alunos; 6. Personalidades políticas; 7. Membros da família; 8. Personalidades da comunidade

francesa de Madri; 9. Gráficos e editores; 10. Diplomatas; 11. Arquitetos; 12. Músicos; 13. Militares; 14. Médicos; 15. Empreiteiros; 16. Outros funcionários.

Os meios universitários e acadêmicos estão particularmente bem representados, especialmente porque os correspondentes da categoria 1, que nos pareceu interessante distinguir (arqueólogos, antiquistas e historiadores da arte), também pertencem à categoria 2 (meios universitários, acadêmicos e intelectuais), embora isso não seja sistemático (pensemos em Arthur Engel, por exemplo). De qualquer forma, o peso das elites e dos meios que poderiam ser qualificados como oficiais é predominante. O destinatário das cartas de nosso corpus é frequentemente um colega e par (francês ou estrangeiro), um superior, um amigo – por vezes muito próximo – ou, ao contrário, um interlocutor que não é muito estimado, mas com quem é necessário lidar, ou ainda uma simples conhecida. Naturalmente, o tom e o conteúdo desses textos variam de acordo com o tipo de relação e o grau de intimidade que unia Pierre Paris ao seu correspondente. Mas, mais uma vez, toda tentativa de classificação e mensuração é discutível, se não impossível. Basta, para se convencer, ler as cartas dirigidas a Georges Radet ou Raymond Thamin. Ambos foram ao mesmo tempo amigos próximos de Pierre Paris (desde a ENS⁶), seus colegas (na universidade de Bordeaux) e seus superiores hierárquicos (o primeiro foi decano da faculdade de letras, o segundo reitor da academia de Bordeaux). A complexidade da natureza dos vínculos que uniam dois interlocutores às vezes dava origem a uma verdadeira esquizofrenia relacional, da qual os principais envolvidos tinham consciência e sobre a qual às vezes brincavam. Em 6 de junho de 1922, Pierre Paris iniciava sua carta a Raymond Thamin com estas palavras: «Senhor Reitor e Ilustre Confrade (como eu escreveria ao teu nobre colega Carracido)»⁷; em 1º de novembro de 1911, Paul Lapie, ex-colega de Bordeaux, agora reitor da academia de Toulouse, advertia Pierre Paris: «Meu caro amigo, (na próxima vez que me chamar de reitor, eu lhe responderei: caro Diretor)»⁸.

A grande diversidade das situações de enunciação é fonte de riqueza. Seja o tom da missiva oficial ou da carta familiar, seja Pierre Paris buscando se colocar em cena ou se confessar, propondo ou solicitando, atacando ou se defendendo, essas cartas revelam muito sobre sua postura e seu caráter: transbordante de energia, empreendedor, combativo e sem recuar diante de nenhuma dificuldade; enfrentando a adversidade, por vezes abatido, raramente desencorajado, nunca derrotista; ele aparece ora como um

⁶ N.T.: *École Normale Supérieure*.

⁷ Arquivos Departamentais da Gironda, Bordeaux, 1449 W 43.

⁸ Arquivos do Instituto Francês da Espanha, Madri, s. c.

discípulo respeitoso, às vezes quase bajulador, ora como um guia para seus alunos — mais que um mestre ou líder de escola —; dotado de uma personalidade benevolente e conciliadora, é geralmente moderado em suas posições e demonstra grande capacidade de adaptação, mas pode também se mostrar belicoso quando considera necessário; ambicioso e ao mesmo tempo modesto, está sempre atento às oportunidades.

Os espaços da correspondência de Pierre Paris

A múltiplos correspondentes corresponde uma grande diversidade de lugares. A produção de uma cartografia epistolar nos permitiu tornar visíveis as principais características da geografia de Pierre Paris. Esses mapas permitem capturar, de uma só vez, os lugares onde se ancoram sua prática científica. Ela é, primeiramente, transnacional, de um viajante, de um expatriado que nunca hesitou em cruzar as fronteiras hexagonais para melhor ali retornar. Os locais de envio de sua correspondência ativa (figura 08) destacam quatro espaços privilegiados por Pierre Paris. Primeiro, a pequena pátria, Bordeaux e sua região, assim como o refúgio que o castelo de Beyssac representava para ele, sinais de seu enraizamento meridional. Em seguida, Madri, a cidade de eleição onde residiu durante o ano universitário a partir de 1913, capital da nação amiga com a qual trabalhou na construção de uma “entente intelectual” franco-espanhola e que, em retorno, lhe permitiu consolidar sua estatura científica internacional. Por fim, dois centros secundários refletem a atividade do arqueólogo-hispanista em campo: o sudeste da Península Ibérica (sobretudo entre 1896 e 1905) e a Andaluzia (a partir de 1903, em particular com Osuna, Almedinilla e Baelo Claudia).

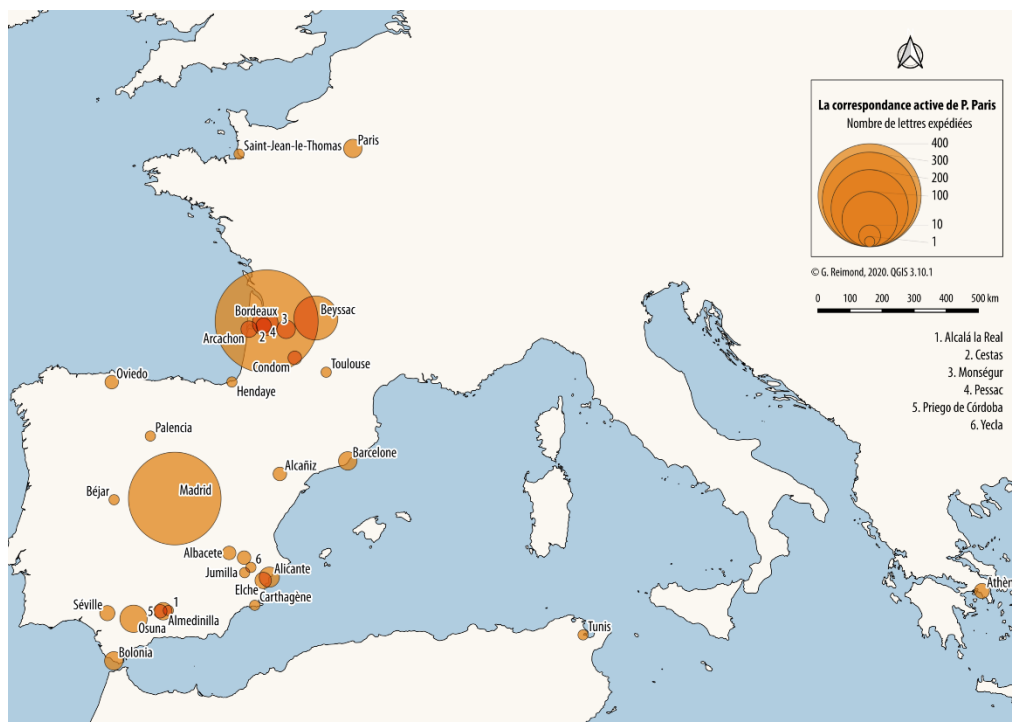


Figura 08: Cartografar a correspondência de Pierre Paris: a correspondência ativa.

A cartografia da correspondência passiva confirma esse quadro e permite completá-lo (figura 09). A diversidade dos locais de envio das cartas que Pierre Paris recebeu é, por vezes, enganosa e atenua o peso de certos centros: as cartas enviadas de Cavalaire, Bagnères-de-Bigorre e Val André, por exemplo, devem-se respectivamente a Georges Radet, Raymond Thamin e Paul Lapie; o primeiro é professor e decano da faculdade de letras de Bordeaux, o segundo é reitor da academia de Bordeaux, e o último é reitor da academia de Toulouse. O mapa revela, assim, com bastante clareza quatro centros. A Bordeaux e Madrid somam-se Toulouse, sede da universidade parceira na aventura espanhola (a “maldita associação”⁹), e sobretudo Paris. Na França da virada dos séculos XIX e XX, das “anos elétricos” (Prochasson, 1991), embora o dinamismo e o espírito empreendedor das universidades que as reformas terciárias republicanas promovem nas províncias sejam reais (as realizações de Bordeaux e Toulouse na Espanha são testemunho disso), a capital francesa permanece um centro universitário, científico e intelectual de destaque. A correspondência de Pierre Paris ilustra essa polaridade; os laços são particularmente estreitos com o Instituto da França, uma relação antiga que culmina com sua eleição, em 1920 e na terceira tentativa, como membro livre da Academia de Inscrições e Belas-Letras. A corporação é, ademais,

⁹ Arquivos Departamentais da Gironde, Bordeaux, 1449 W 43, carta de P. Paris a R. Thamin, 7 de fevereiro de 1914.

um parceiro privilegiado no contexto da criação da Casa de Velázquez (Academia de Belas-Artes).

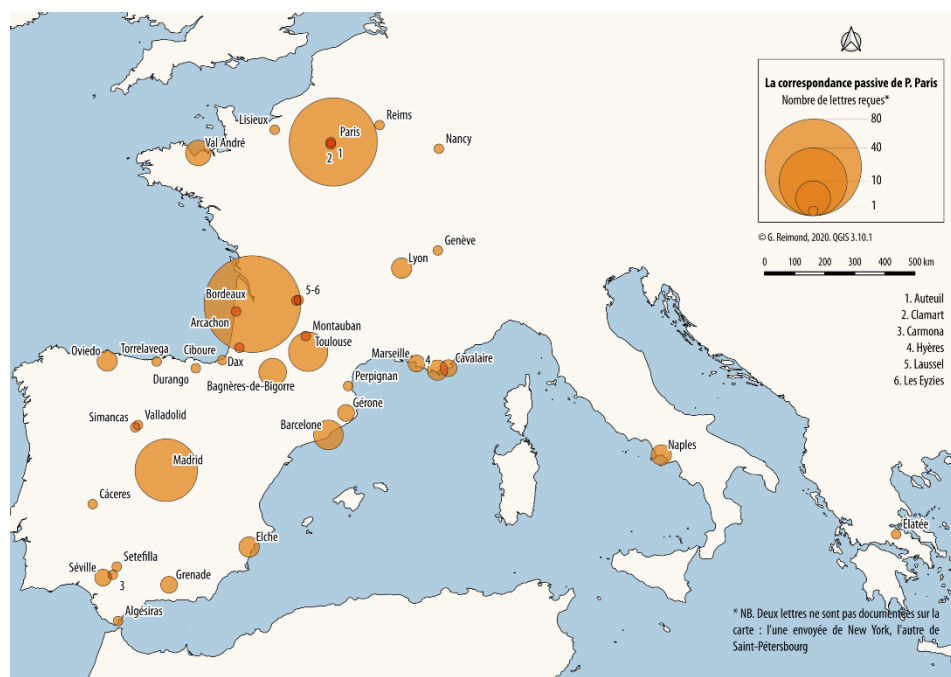


Figura 09: Cartografar a correspondência de Pierre Paris: a correspondência passiva.

Uma rede egocentrada

O conteúdo das cartas que transcrevemos e a representação gráfica e cartográfica da estrutura do corpus reunido permitem, assim, delinear os contornos de uma geografia de Pierre Paris. Esse conjunto de informações mostra que Pierre Paris não tinha nada de um estudioso solitário. Sua prática e seus projetos inseriam-se em redes de solidariedade e ajuda mútua complexas. Da mesma forma, as fontes que essas missivas constituem convidam a superar o que Michela Passini chama de “mitologias dos ‘pioneiros’” e a ideia de uma “unicidade de sua prática, da primazia de suas intuições”, tantas imagens enganosas frequentemente associadas a personalidades como a de Pierre Paris (Passini, 2017: 8). As correspondências, pelo contrário, lembram que suas ações se inscreviam em um contexto fundamentalmente coletivo, marcado por um compartilhamento de conhecimento e de referências que permitiram que sua obra tomasse forma. Elas estiveram no coração de dinâmicas de troca que envolviam sempre a formação de uma comunidade que remetia tanto ao “círculo quanto à linhagem” (Jacob, 2007: 125-133).

Desde então, o corpus reunido nos convidava a iniciar uma reflexão relativa à inserção de Pierre Paris em redes acadêmicas transnacionais. O

uso que fazemos dessa noção é metafórico. No estado atual, a correspondência de Pierre Paris permite reconstruir apenas parcialmente, e de forma certamente muito fragmentária, uma rede egocentrada. Ela delinea uma rede pessoal em estrela ao redor do indivíduo Pierre Paris, em contato com numerosos atores pertencentes a diferentes meios e ambientes. Podemos, assim, medir o capital social e relacional de que ele dispunha, sem negligenciar a perspectiva diacrônica, já que esse capital varia conforme o momento considerado. Em muitos casos, as cartas mostram que ele era capaz de fazer a ligação entre várias redes ou vários clãs. Pierre Paris estava, portanto, em uma posição de intermediação.

Por ora, é difícil avançar mais profundamente na investigação sobre esse ponto. As ferramentas que construímos não permitem — ou apenas de maneira muito pouco satisfatória — estudar as relações complexas que uniam, independentemente de Pierre Paris, os diferentes membros de sua rede. Nosso trabalho não é suficientemente completo, nem suficientemente finalizado para que se possa empreender uma verdadeira análise estrutural de rede. No entanto, a documentação que reunimos contém informações que já permitem ir além do nível de estrela. De fato, muitas cartas, por vezes até as mais triviais, mencionam um contato entre duas ou mais pessoas. Esboçar o estudo de uma rede mais completa seria, portanto, possível, desde que se continue o enriquecimento do corpus que reunimos e, sobretudo, se dote este de ferramentas digitais pertinentes. Não tínhamos nem o tempo nem as competências técnicas necessárias para iniciar tal investigação no âmbito de nossa tese de doutorado. Em contrapartida, esta poderia ser o ponto de partida de uma pesquisa mais ambiciosa, que se inscreveria necessariamente em um quadro coletivo, sobre as redes do hispanismo arqueológico. A longo prazo, seria desejável que ela culminasse na análise de todas as redes do hispanismo francês no século XX.

Resta que a noção, mesmo tomada em seu sentido metafórico, nos pareceu interessante no contexto de uma pesquisa visando escrever uma biografia intelectual de Pierre Paris. Ela convidava a devolver toda a sua posição ao indivíduo, de forma dinâmica e diacrônica.

Editar a correspondência de Pierre Paris: uma seleção de cartas

Ao decidir reunir o material apresentado na versão de defesa de nossa tese, desejamos oferecer uma ferramenta o mais útil possível à comunidade científica. Trata-se tanto de tornar acessível um conjunto de fontes nas

quais nos baseamos para conduzir nossa própria pesquisa, quanto de permitir que outros possam se imergir neste corpus para aprofundar, corrigir ou prolongar os temas que tratamos, ou simplesmente abordamos, em uma perspectiva de pesquisa reprodutível.

De um ponto de vista mais pessoal, o exercício ao qual nos dedicamos permitiu-nos tratar um material disperso e apropriar-nos dele. Desde o início, a elaboração de um catálogo nos pareceu insuficiente. A grande dispersão geográfica desses documentos, que formam, contudo, um todo coerente, tornava ainda mais necessário o trabalho de agrupamento e, portanto, de transcrição.

Assim, o leitor encontrará na versão de defesa dois conjuntos complementares: por um lado, um catálogo completo da correspondência que localizamos – versão simplificada, sob a forma de uma tabela, do banco de dados que construímos no Excel –; em seguida, uma edição do essencial desse corpus, já que apenas 57 cartas de 1.082 não foram transcritas (figura 03). Agrupadas por dossiês de correspondentes, elas são acompanhadas de um aparato crítico baseado em outras fontes, especialmente arquivísticas; na medida do possível, tentamos estabelecer conexões entre as cartas dos diferentes dossiês por meio de referências em notas de rodapé.

O catálogo: dois suportes

Incluir numa versão impressa a íntegra do banco de dados que elaboramos teria resultado em uma tabela praticamente ilegível e difícil de usar, mesmo em formato PDF. Pareceu-nos mais pertinente fornecer uma versão sintética destinada principalmente a recuperar a referência completa que permite localizar as cartas que citamos em nossa tese na forma abreviada “cat. Nome dia-mês-ano”, a fim de simplificar as notas de rodapé. Naturalmente, o catálogo referencia todo o conjunto da correspondência ativa e passiva que conseguimos localizar, quer as cartas tenham sido transcritas ou não. Telegramas, cartões-postais e cartões de visita foram incluídos, mesmo quando seu conteúdo parecia *a priori* pouco útil para nosso propósito. Alguns desses documentos, aliás, revelaram-se valiosos ao permitir restituir a data ou o local de envio de outras cartas de nosso corpus. Cada linha da tabela corresponde a uma missiva; elas estão organizadas cronologicamente, da mais antiga à mais recente. Nas colunas, encontram-se as seguintes informações: data, tipo (carta, cartão-carta, telegrama, cartão de visita, cartão-postal), remetente, local de envio

(colchetes indicam uma restituição de nossa parte, incerta quando o topônimo é seguido de um ponto de interrogação), destinatário, local de conservação, acervo, cota, edição crítica disponível ou não.

As mesmas informações constam no banco de dados Excel. Ele oferece a vantagem de permitir uma consulta multicritério do arquivo, especialmente usando as funções “Classificar e Filtrar” e “Localizar e Substituir”. Ele é concebido com a mesma lógica da tabela de síntese, mas contém mais informações (em particular, a transcrição das cartas ou palavras-chave que permitem realizar pesquisas em texto completo).

Transcrição e edição crítica de uma seleção de cartas

Quanto à apresentação e organização das cartas transcritas, a questão da lógica a seguir logo se colocou. Uma classificação temática era delicada de implementar, pois uma mesma carta geralmente evoca vários assuntos. Uma apresentação por acervo nos pareceu pouco pertinente. Em muitos casos, cartas dirigidas a um mesmo correspondente ou provenientes dele estão hoje dispersas em vários acervos e conservadas entre diferentes instituições, indicando, aliás, que certas missivas circulavam entre vários correspondentes: as cartas que Pierre Paris escreveu a Edmond Pottier para anunciar a descoberta da Dama de Elche, em agosto de 1897, foram transmitidas por este a Léon Heuzey, que as preservou; outras, dirigidas a Charles-Marie Widor e relativas ao projeto da Casa de Velázquez, foram comunicadas por seu destinatário a Pierre Imbart de la Tour, etc. Assim, nos pareceu mais sensato agrupá-las e optar por uma apresentação em forma de dossiês individuais de correspondentes classificados em ordem alfabética. Dentro de cada um, as cartas seguem uma ordem cronológica, da mais antiga à mais recente. Essa organização apresenta a vantagem de ser altamente flexível: é muito fácil enriquecer cada dossiê, ou até criar novos, se necessário. A ferramenta pretende, portanto, ser evolutiva.

Cada um desses dossiês é apresentado em uma breve ficha que fornece as informações que nos pareceram mais importantes: número total de cartas transcritas (distinguindo, quando necessário, o número de cartas não transcritas), o número de cartas pertencentes à correspondência ativa/passiva, a amplitude cronológica do corpus, a língua principal, e, por fim, informações biográficas e bibliográficas relativas ao interlocutor de Pierre Paris. A partir de dez cartas, adicionamos um gráfico que permite visualizar a distribuição do corpus na carreira de Pierre Paris.

Em alguns casos, acrescentamos, após a transcrição das cartas, uma seção “Documentos anexos”. Nela, encontram-se as figuras, que geralmente consistem em fotografias e esboços anexados a uma ou mais cartas. Sua numeração é contínua ao longo do volume.

Todos os correspondentes puderam ser identificados, exceto um (dossiê “N. id.”) para o qual conhecemos apenas sua função (conselheiro na prefeitura da Gironda). Contudo, em alguns casos tivemos que fazer escolhas ao atribuir um destinatário ou autor a certos documentos. O que fazer, por exemplo, no caso de uma carta dirigida ao ministro da Instrução Pública e Belas-Artes, mas que, na realidade, passava — e permanecia — nas mãos do diretor do Ensino Superior ou do diretor das Belas-Artes? Nos pareceu pouco pertinente reservar uma entrada para um ministro que era apenas um destinatário virtual. Além disso, isso teria levado a dispersar cartas que deveriam figurar no mesmo dossiê de correspondente. Sempre que esse caso se apresentou, atribuímos a carta àquele que nos parecia ser seu verdadeiro destinatário (uma nota esclarece isso). Isso também ocorre com algumas missivas que Pierre Paris dirigiu, como diretor da escola municipal de Belas-Artes e Artes Decorativas, ao prefeito de Bordeaux; salvo exceção, elas eram tratadas pelo adjunto do prefeito encarregado da Instrução Pública e Belas-Artes (exceto por um curto período, trata-se, em princípio, de seu amigo e colega, Henri de La Ville de Mirmont). Outro exemplo, no caso da correspondência ligada à Sociedade Arqueológica de Bordeaux, que Pierre Paris presidiu no ano de 1903, nem sempre foi fácil saber se as cartas eram dirigidas ao presidente (o cargo era anual) ou ao secretário da instituição (o abade Guillaume Brun). Quando nenhum elemento nos permitia decidir, optamos por incluir o documento em nosso corpus, especificando as incertezas que permaneciam quanto ao seu verdadeiro destinatário.

Além do fato de que não pudemos consultar algumas cartas cuja existência conhecíamos, nem todas as cartas que reunimos foram transcritas (são uma minoria: 57 de 1.082). O volume ao qual chegamos é, portanto, apenas uma seleção de cartas, embora seja bastante copiosa.

A decisão de não transcrever algumas missivas foi baseada em dois critérios. Primeiro, o critério do tempo, embora, na realidade, ele não tenha sido determinante. Em nossa perspectiva, o conteúdo dos documentos excluídos não apresentava interesse direto, o que não significa que eles sejam desprovidos de interesse em outro contexto e para outro pesquisador. Trata-se essencialmente de cartas isoladas, muito curtas, que forneceram apenas informações muito escassas. Muitas estão relacionadas

à direção da Sociedade Arqueológica de Bordeaux, liderada por Pierre Paris em 1903. Apresentar seu autor (são frequentemente cartas pertencentes à correspondência passiva) e transcrever as poucas linhas de seu conteúdo teria alongado significativamente (em mais de cem páginas) e expandido desnecessariamente um volume já bastante extenso. Algumas foram transcritas antes de se decidir deixá-las de lado.

Epílogo

Uma seleção de cartas da correspondência de Pierre Paris, acompanhadas de chaves de leitura que permitem acessar um corpus ao mesmo tempo rico e eminentemente fragmentário, foi o objetivo que perseguimos. Como em muitas outras correspondências acadêmicas,

Tudo aqui é uma questão de reflexividade. Reflexividade de estudiosos do passado sobre o trabalho intelectual cotidiano, sobre os balanços e os projetos, sobre os métodos e as fontes, mas também sobre seu status e posição no campo intelectual e social, sobre o exercício de uma profissão em sua rotina como em suas viradas imprevistas; reflexividade dos estudiosos de hoje sobre a história de sua disciplina e, através do espelho historiográfico, sobre sua própria prática de pesquisadores, sobre o status da evidência e da interpretação, da prova e da intuição, sobre a genealogia do saber, em seus êxitos como em seus desvios e impasses (Jacob, 2008: 7).

Precisemos, contudo, que essa memória epistolar não constitui, propriamente falando, a correspondência científica de Pierre Paris. Algumas cartas pertencem à esfera familiar e tocam o domínio do íntimo. No entanto, não hesitamos em integrá-las. Elas são um testemunho precioso que ajuda a captar melhor o estudioso através do homem.

Embora tenhamos dado um lugar central em nossa tese ao corpus mencionado, é evidente que outros historiadores poderiam tirar proveito desse material. Assim, numa perspectiva de *pesquisa reprodutível*, seria desejável torná-lo acessível ao maior número possível de pessoas. Sob esse ponto de vista, uma publicação impressa não nos parece muito pertinente. Considerando os recursos oferecidos pela ferramenta informática (em particular no que se refere à consulta interna do conteúdo), uma edição eletrônica seria sem dúvida mais apropriada.

Referências bibliográficas

DELAUNAY, Jean-Marc. *Des palais en Espagne. L'École des hautes études hispaniques et la Casa de Velázquez au cœur des relations franco-espagnoles du XXe siècle (1898-1979)*. Madrid: Casa de Velázquez, 1994.

FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. 1re éd. Paris: Armand Colin, 1953.

JACOB, Christian (éd.). *Lieux de savoir. Espaces et communautés*. Paris: Albin Michel, 2007.

JACOB, Christian. Le miroir des correspondances. In: BONNET, Corinne; KRINGS, Véronique (éd.). *S'écrire et écrire sur l'Antiquité. L'apport des correspondances à l'histoire des travaux scientifiques*. Grenoble: Éditions Jérôme Million, 2008: 7-17.

LEGENDRE, Maurice. Souvenirs sur Pierre Paris. L'homme, le fondateur. *Bulletin hispanique*. Bordeaux: université Michel de Montaigne, 35, 2, 1933: 155-167.

MAIER ALLENDE, Jorge. En torno a la génesis de la arqueología protohistórica en España: correspondencia entre Pierre Paris y Jorge Bonsor. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid: Casa de Velázquez, 32, 1, 1996: 1-34.

MAIER ALLENDE, Jorge. *Epistolario de Jorge Bonsor (1886-1930)*. Madrid: Real Academia de la Historia, 1999.

NIÑO RODRÍGUEZ, Antonio. *Cultura y diplomacia. Los hispanistas franceses y España (1875-1931)*. Madrid: CSIC, Casa de Velázquez, Société des hispanistes français, 1988.

OLIVIER, Laurent. *Le pays des Celtes. Mémoires de la Gaule*. Paris: Seuil, 2018.

PASSINI, Michela. *L'œil et l'archive. Une histoire de l'histoire de l'art*. Paris: La Découverte, 2017.

PROCHASSON, Christophe. *Les années électriques (1880-1910)*. Paris: Éditions La Découverte, 1991.

REIMOND, Grégory. Historia de la arqueología y biografía intelectual, o la mirada (in)discreta del historiador-voyeur. *Anabases. Traditions et réceptions de l'Antiquité*. Toulouse: université Toulouse – Jean Jaurès, 31, 2020: 210-220.

REIMOND, Grégory. «L'Ibérie s'illuminant des reflets radieux de l'Hellas». *Pierre Paris (1859-1931), un passeur de frontières entre hellénisme et hispanisme*, PhD thesis, histoire, TESC, PLH-ERASME, université de Toulouse – Jean Jaurès, 3 vol., 2021.

REIMOND, Grégory. *Pierre Paris (1859-1931). Les racines grecques de l'hispanisme français*. Madrid: Casa de Velázquez, 2 vol., sous presse.

ROUILLARD, Pierre. Paris, Pierre. In: SÉNÉCHAL, Philippe; BARBILLON, Claire (éd.). *Dictionnaire critique des historiens de l'art actifs en France de la Révolution à la Première Guerre mondiale*. Paris: INHA, 2009 (dernière actualisation), en ligne sur. Disponível em: <<https://www.inha.fr/fr/ressources/publications/publications-numeriques/dictionnaire-critique-des-historiens-de-l-art/paris-pierre.html>>. Acesso em: 12 nov. 2024.